

The cover features a glowing incandescent lightbulb hanging from a cord, set against a dark background with bokeh light effects. At the bottom, an open book is visible, suggesting a connection to scripture or knowledge. The title 'Revista Adventista' is prominently displayed at the top in a large, yellow, sans-serif font, with 'Revista' in a smaller font above 'Adventista'.

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 799 · €1,90 **Dezembro 2013**

Especial *Mensagens de Reavivamento*

Reavivados na **Missão**

LANÇAMENTO
28 DE DEZEMBRO

PROJETO
ESPERANÇA 2014

recolha da Nota de Compromisso

4, 11 e 18 de janeiro



o **meio** mais
simples e **eficaz** de
anunciar que o Criador
e Redentor está prestes
a **regressar**.

12 de
ABRIL
de 2014

Participe
na distribuição nacional
do livro missionário!



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
RUA ACÁCIO PAIVA, 35 | 1000-004 LISBOA

Fale com o Coordenador
da sua igreja local.

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice

EDITORIAL

04 Vós Sois a Luz do Mundo

SECRETARIA

06 A Missão Adventista e o Seu Fundamento Teológico

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

09 A Missão da Educação Adventista



DEPARTAMENTO DE JOVENS

12 Uma Geração que Vive Mais a Missão

ÁREA DEPARTAMENTAL DE EVANGELISMO

14 De Espectadores a Discípulos

ÁREA DEPARTAMENTAL DE SAÚDE E TEMPERANÇA

16 O Crente, um Missionário da Saúde



DEPARTAMENTO DE MORDOMIA

18 Fidelidade no Cumprimento da Missão



ÁREA DEPARTAMENTAL DA FAMÍLIA

20 Viver + a Missão na Família

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

22 A Comunicação no Compromisso da Missão



DEPARTAMENTO DOS MINISTÉRIOS DAS PUBLICAÇÕES

24 Publicações: Uma Missão de Alta Estratégia



SERVIÇO DE ESPÍRITO DE PROFECIA

26 Se Fosse Fácil, Estariam cá Outros



DEPARTAMENTO DE LIBERDADE RELIGIOSA E ASSUNTOS PÚBLICOS

28 Missão: Orar! A Oração Inesperada



TEOLOGIA

30 A História de Maria

DEVOCIONAL

33 A Batalha de Belém

REFLEXÃO

35 Noite Feliz, Noite de Paz



Revista Adventista

DEZEMBRO 2013
Ano 74 · Nº 799

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. – Charneca da Caparica **Tiragem** 1500 exemplares **Depósito Legal** Nº 1834/83 **Preço** Número Avulso €1,90 **Assinatura Anual** €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1 a ISSN 1646-1886

FOTO DA CAPA © Shutterstock

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

Diretor António Rodrigues **Chefe de Redação** Paulo Sérgio Macedo **Coordenador Editorial** Paulo Lima **Colaboradores de Redação** Manuel Ferro e Lara Varandas **Projeto Gráfico** Marisa Ferreira e Sara Calado **Diagramação** Sara Calado **Fotos Ilustrativas** ©Shutterstock **E-mail** revista.adventista@pservir.pt **Proprietária e Editora** Publicadora SerVir, S. A. **Diretor** Carlos Simões Mateus **Sede e Administração** Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo **Tel.:** 21 962 62 00 **Fax:** 21 962 62 01 **Controlo de Assinantes** Paulo Santos **E-mail** assinaturas@pservir.pt **Tel.:** 21 962 62 19

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

REVISTA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA



Antônio Rodrigues

Vós sois a luz do mundo

Todo aquele que nasce no Reino de Deus, torna-se num missionário, ou seja, numa luz. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus” (Mateus 5:16). A toda a pessoa nascida no Reino de Cristo é dado o solene encargo: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28:19). O Salvador veio ao Mundo para “buscar e salvar o que estava perdido” (Romanos 5:12). Perdido num mundo a perecer, afundado no profundo abismo do pecado, sujeito à morte, o Homem, no seu estado natural, está morto nos seus “delitos e pecados” (Efésios 2:1). Milhares de pessoas ao nosso redor não sabem acerca da grande salvação que para elas foi provida na Cruz do Calvário! O profeta Joel, com o seu olhar profético, vê “Multidões, multidões no vale da decisão”, carecendo de salvação (Joel 3:14).

Cada crente Adventista do Sétimo Dia conhece a solução para o desespero do mundo. Na verdade, nós somos os depositários do “Evangelho eterno” (Apocalipse 14:6). A Bíblia declara que nós fomos constituídos atalaias do Senhor (Ezequiel 33:1-9). Na verdade, “a Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e a sua missão é levar o Evangelho ao mundo” (Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, p. 32). Deus espera a nossa colaboração, pois “Deus [...] não finalizará a Sua obra sem os agentes humanos” (Ellen White, *Serviço Cristão*, p. 9). A nossa passagem por este mundo não tem apenas como objetivo que conheçamos o Plano da Salvação, mas devemos também levar esse conhecimento aos outros. “Onde quer que se estabeleça uma igreja,

ja, todos os membros se devem empenhar ativamente em trabalho missionário” (Ellen White, *Serviço Cristão*, p.12).

Jesus confia a cada um de nós o tesouro da Sua palavra, para ser repartido com aqueles mais chegados e mesmo com os mais distantes. “Todo o seguidor de Jesus tem uma obra a fazer como missionário de Cristo, na família, na vizinhança, na vila ou na cidade em que reside” (Ellen White, *Serviço Cristão*, p. 18). Cada um faz falta na obra do Senhor. Por isso Ele faz o convite a todos, para que sejam verdadeiros missionários, portadores das boas-novas. “A cada um foi distribuída a sua obra e ninguém pode substituir a outro” (Ellen White, *Serviço Cristão*, p. 10).

“O nosso tempo é precioso. Não temos senão poucos, pouquíssimos, dias de graça em que preparar-nos para a vida futura, imortal. Não dispomos de tempo para desperdiçar com movimentos negligentes” (Ellen White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, p. 14). Na realidade, uma pesada responsabilidade recai sobre cada um de nós individualmente. Uma luz que não brilha não tem valor para o Reino do Senhor. Não basta que o crente seja luz, é necessário que ele ilumine. Do mesmo modo, também não basta que o crente seja uma árvore, é necessário que ele dê frutos. Fomos eleitos para um propósito muito maior do que apenas para falarmos ou pensarmos. Fomos eleitos para sermos o sal da Terra e a luz do mundo. “Jesus não pede ao Cristão que se esforce por brilhar, mas que simplesmente deixe brilhar a sua luz em raios claros e distintos sobre o mundo” (Ellen White, *Manuscrito 40*, 1890). ✦

• **Antônio Rodrigues**
Presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

DEZEMBRO

- 08 Dia da Mordomia
- 07 e 08 Reuniões de oficiais de Igreja (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo)
- 14 Dia da Saúde
- 28 Oferta do 13º Sábado

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

DEZEMBRO

2-6 – Associação Berlim-Alemanha Central (NGU)
 9-13 – Associação Eslovaca (CSU)
 16-20 – Publicadora SerVir (PU)



ANTENA 1
 RTP2

FÊ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
 ANTENA 1, a partir das 22h47

- 23/12 (segunda-feira)
- 26/12 (quinta-feira)

RTP2 ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h
 ANTENA 1, a partir das 06h
 01/12 (domingo)

REVEJA O PLANO ESTRATÉGICO DA UPASD 2012-2017

em www.adventistas.org.pt



Disponível a partir do dia 1 de janeiro de 2014.

Deus está presente!

Quando estás cansado e desencorajado
 Por esforços que não deram fruto,
 Deus sabe o quanto tu tentaste!
 Quando choras,
 Com o coração cheio de angústia,
 Ele conta as tuas lágrimas!
 Se sentes que a tua vida não tem sentido,
 Deus conforta-te!
 Quanto estás só e os teus amigos de ti se afastam,
 Deus lá está, acompanhando-te!
 Quando sentes que já fizeste de tudo
 E não sabes como recomeçar,
 Deus tem a solução!
 Quando nada mais tem significado
 E te sentes triste e desanimado,
 Deus mostra-te as respostas!
 Se, de repente, tudo parece mais brilhante
 E vês uma luz de esperança,
 Nesse momento Deus sussurrou-te ao ouvido!
 Quando as coisas correm bem,
 E tens muito para celebrar e agradecer,
 Deus celebra contigo!
 Quando algo te traz muita alegria
 E te sentes fortalecido,
 Deus sorri para ti!
 Quando tens um propósito a cumprir
 E um sonho para seguir,
 Deus abre os teus olhos e chama-te pelo nome!
 Lembra-te, onde quer que te encontres,
 Na felicidade ou na tristeza,
 Deus está presente!

Anónimo

Envie os seus textos para:
 Revista Adventista (A/C Lara Varandas)
 Publicadora SerVir, S. A.
 Rua da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 ou para: lara.pservir@sapo.pt



A missão Adventista e o seu fundamento teológico

ARTUR MACHADO

Introdução

Quando os Adventistas do Sétimo Dia se formaram como organização, após 1844, a sua ideia de missão resumia-se, basicamente, a partilhar com os seus conterrâneos mais próximos as boas-novas da Mensagem Presente. Não havia, naquela altura, uma estratégia global de penetração da mensagem, apenas havia um desejo de a transmitir. Os meios utilizados eram, essencialmente, a distribuição de folhetos, revistas ou pequenos livros e a realização de reuniões em grandes tendas, que podiam reunir, por vezes, duas mil pessoas. Ninguém pensava estender a missão da Igreja para fora dos Estados Unidos. Foi à medida que a Igreja foi recebendo mensagens e pedidos de ajuda de fora dos Estados Unidos, da parte de pessoas que tinham recebido a mensagem do Advento e que procuravam viver de acordo com a luz que tinham, que a Igreja despertou para a necessidade de enviar missionários para outras partes do mundo. Mas somente a partir de 1920, a Igreja Adventista se envolveu numa vasta operação

missionária mundial. Quando comparamos as estatísticas de crescimento da Igreja, percebemos que foi a sua visão missionária mundial que deu à Igreja Adventista a dimensão que hoje ela possui. Assim, no início da Igreja Adventista, havia um Adventista para cada 360 000 pessoas. Atualmente existe 1 Adventista para cada 396 pessoas. Presentemente, 3052 pessoas aderem diariamente à Igreja, o que significa que, a cada hora que passa, 127 pessoas são batizadas.

Estes dados suscitam algumas questões. Porque é que, como Igreja, gastamos anualmente milhões de dólares em programas que divulguem a nossa mensagem, não só na nossa vizinhança, mas em países que ainda a desconhecem? Porque é que ainda nos continuamos a identificar como um povo de missão, apesar de constatar-mos que o índice de crescimento da população mundial, que está na ordem dos 7%, ultrapassa o índice do nosso crescimento como Igreja, que se situa na ordem dos 5%?

A resposta a estas questões encontra-se na visão e na teologia bí-

blica da missão, que constituem a essência da nossa mensagem.

O Deus da Bíblia é um Deus Missionário

Na verdade, quando olhamos para a Bíblia, constatamos que Deus é um Deus missionário. A Bíblia mostra, desde o início, que Deus Se relaciona com toda a Humanidade. Esta relação começou com Adão e Eva ainda no Jardim do Éden e, depois do pecado, prosseguiu com Adão e com a sua descendência. Isso implicava a Humanidade no seu todo. A primeira grande promessa da Bíblia é a de um Salvador, que viria da descendência da mulher para anular as consequências trazidas à Humanidade pela queda do Homem e para destruir a serpente que causara tal queda. Mesmo após o Dilúvio, Deus procurou relacionar-Se com toda a Humanidade dessa época, a família de Noé.

Quando olhamos para o chamado feito por Deus a Abraão, vemos que estava aí implícito que, através desse chamado, “nele seriam beneditas todas as famílias da Terra”

(Gênesis 12:3). Nesta promessa feita a Abraão continua presente o propósito divino de alcançar toda a Humanidade através de Cristo, que viria da descendência de Abraão.

Mais tarde, na dedicação do Templo, Salomão voltou a exprimir em oração a ideia de que aquele lugar central de adoração do povo de Deus deveria ser um local de atração não apenas para o povo de Deus, mas também para o estrangeiro, para todo o ser humano que orasse virado para aquele lugar. Quando o povo de Israel esqueceu a dimensão universal da sua missão, os profetas lembraram que o desígnio de Deus era que o Templo fosse um lugar para onde afluiriam todos os povos (Isaías 2:2). Somos missionários porque Deus é missionário. Deus envolve-Se completamente com os seres humanos, não Se poupando a esforços para salvar aqueles que aceitarem a Sua proposta de amor.

Jesus Cristo era Missionário

Vemos a mesma dimensão missionária presente na mensagem e na obra de Jesus. Embora Jesus raramente tivesse deixado as

fronteiras de Israel para pregar ativamente aos Gentios (porque o Seu período de missão era curto e cabia-Lhe, em primeiro lugar, dirigir-Se ao povo de Deus), Ele mostrou algumas vezes aos discípulos que estes deveriam, mais tarde, quando o tempo estivesse maduro, procurar aqueles que tinham sido esquecidos devido ao preconceito religioso judaico. Por essa razão, aventurou-Se com os discípulos em terras de Samaritanos e de Fenícios. Quando, após a ressurreição de Jesus, o momento foi chegado para a Igreja se expandir, encontramos, no Evangelho de Mateus, a Grande Comissão e, no início do livro de Atos, a indicação de que a pregação do Evangelho deveria ir até aos confins da Terra.

Apesar de o Evangelho de Mateus ser o mais judaico dos quatro Evangelhos, encontramos aí referências à globalidade da transmissão da mensagem do Evangelho. É no Evangelho de Mateus que está relatada a visita dos Magos, que vieram da Pérsia para ver e adorar Jesus. É ainda o Evangelho de Mateus que transmite o ensino de Cristo

de que “muitos viriam do Oriente e do Ocidente e se sentariam à mesa com Abraão, Isaque e Jacob no reino dos céus” (Mateus 8:11). Como já mencionámos, é neste Evangelho que encontramos a versão mais completa que possuímos da Grande Comissão. A intenção de Jesus ao dar esta ordem é significativa. Jesus não apenas Se situa na mesma linha universal da teologia do Antigo Testamento, como sabe que a Igreja apenas alcançará a unidade ao partilhar a sua mensagem com um mundo global. Na Sua vida e ministério, Jesus amou incondicionalmente toda a Humanidade e não Se poupou a esforços para procurar salvar o que se tinha perdido, ensinando os discípulos a irem a todo o lugar para anunciar as boas-novas da salvação.

O Espírito Santo do Livro dos Atos é Missionário

A esmagadora maioria dos especialistas do Novo Testamento concorda que o livro dos Atos dos Apóstolos é, na verdade, o livro dos Atos do Espírito Santo na Igreja Cristã Primitiva. Esta Igreja vivia





orientada pelo Espírito, tomava decisões pela sabedoria do Espírito, agia na força e nos dons do Espírito e era o Espírito que conduzia a pregação e que indicava a que regiões os Apóstolos deveriam ir.

Pela ação do Espírito, preconceitos culturais e religiosos foram quebrados, vidas foram transformadas, perseguidores tornaram-se fervorosos apóstolos, sinais e maravilhas foram realizados numa escala nunca vista.

O que Jesus profetizou acerca da Sua Igreja cumpriu-se de forma poderosa e efetiva. O livro de Atos assinala diversas vezes que os Cristãos iam por toda a parte, ensinando e pregando a Palavra (Atos 8:4; 9:32; 28:22). Não admira que o apóstolo Paulo afirmasse, em meados do século primeiro, na epístola aos Romanos, que “em todo o mundo, é proclamada a vossa fé” (Romanos 1:8; cf. Colossenses 1:6).

O Espírito Santo do livro dos Atos é unificador, dinamizador, transformador, poderoso e operativo em vista da missão universal confiada pela Divindade à Igreja. Pela Sua ação, a Igreja não se pou-

pou a esforços na sua missão de levar o amor de Deus a todo o mundo.

Conclusão

A Mensagem de Apocalipse 14 é uma mensagem de caráter universal. Ela dirige-se aos que se assentam sobre a Terra, a cada nação, tribo, língua e povo.

Cada igreja local, cada Cristão, deve expressar o caráter missionário da teologia bíblica e da comissão dada à Igreja universal. A nossa identificação com o caráter de Deus passa, também, pela forma como nos identificamos com a missão que nos foi confiada. É verdade que o desafio é imenso, mesmo quando pensamos em termos locais, mas se nos animarmos com esta visão de um Deus que não Se poupou a esforços para Se relacionar com todos os seres humanos e se nos dispusermos a sermos Seus canais e testemunhas, esse mesmo Deus operará através de nós, como operou no passado através dos Apóstolos.

A visão vinda de Deus diz-nos que o empenho da Igreja não será em vão. O Apocalipse confirma que, no final, quando Deus reunir todo o Seu

povo, de todas as eras, veremos que este será constituído por uma multidão multiétnica e multicultural, que enriquecerá a adoração universal que todos prestaremos a Deus. E estou certo de que, nesse dia, encontraremos ali alguém com quem partilhámos as boas-novas da salvação, alguém que, para sua alegria, para nossa alegria e para alegria de Deus e de todo o Universo, se salvou porque aceitou Jesus no coração.

O verdadeiro cristianismo bíblico enraíza-se na teologia missionária e não é, de forma alguma, uma religião exclusivista, quentinha e aconchegadora. É, antes de mais, uma força explosiva e centrífuga, que nos arranca do nosso aconchego e do nosso egocentrismo estreito e nos atira para o mundo de Deus, para amarmos, testemunharmos e servirmos, encontrando maneiras de expressarmos o nosso comprometimento com Deus no mundo em que vivemos. ✨



Artur Machado
Secretário Executivo
da UPASD



A missão da educação Adventista

TIAGO ALVES

Embora grande, a viagem estava a ser agradável, alegre e apreciada. Vinham pessoas de toda a Judeia e Galileia, até mesmo de países estrangeiros. Todos afluíam à festa, ancestral costume hebraico, atraídos pelo magnetismo da cidade de Jerusalém. Entre estes viajantes está um Jovem de doze anos, que acompanha os Seus pais. Tinham partido de Nazaré e a distância a pé até Jerusalém, cerca de 100km, demoraria entre quatro a cinco dias a percorrer.

A época do ano, fins de março ou princípios de abril, era o tempo da primavera na Palestina, quando “toda a terra estava enfeitada com flores e alegrada com os cânticos dos pássaros” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 53). Na viagem, os pais narravam aos filhos as maravilhas que Deus fizera em favor de Israel no passado. Muitas vezes cantavam juntos alguns dos Salmos de David, naquela que era uma celebração intergeracional.

Chegados a Jerusalém, Jesus e os Seus pais participaram nos rituais do Templo. Jesus observou, atento, o serviço ministrado pelos sacerdotes, inclinou-Se com os adoradores, quando se ajoelhavam

para a oração, e uniu a Sua voz à deles em louvor a Deus.

Todas as manhãs e todas as tardes era costume oferecer-se um cordeiro sobre o altar. Isto devia representar a morte do Messias, o Salvador. Enquanto Jesus assistia ao sacrifício, o Espírito de Deus Pai dava-Lhe a entender o significado do ato.

Com a mente cheia de tais reflexões, este jovem adolescente sentiu a necessidade de recolhimento. Por isso, não Se demorou com os Seus pais no Templo e, quando estes começaram a viagem de regresso a casa, já não estava com eles.

Numa sala anexa ao Templo havia uma escola dirigida por rabis. Jesus entrou na sala de aula, sen-

tou-Se ao lado de crianças da Sua idade e pôs-Se a escutar as palavras dos grandes mestres, os rabis.

Jesus não tinha frequentado as escolas dos rabis anexas às Sinagogas, pois aí eram ensinados preceitos dos homens, em vez da Palavra de Deus. A educação de Jesus foi dada pelos pais, sob a direção do Espírito de Deus. Maria instruía Jesus nas Sagradas Escrituras, e Ele lia-as e estudava-as por Si mesmo. Jesus apreciava também o estudo das maravilhas de Deus manifestas no Céu e na Terra e passava horas na Natureza, explorando esse grandioso livro.

E ali estava um jovem de doze anos na escola, num cenário bem conhecido por todos nós. Se este jovem de doze anos vivesse nos nossos dias e visitasse uma escola do nosso país, como seria recebido? Como seria ensinado? Como seria atendido? E se a escola que Jesus visitasse hoje fosse uma escola Adventista? Como seria recebido?

Vejamos como Jesus foi recebido na escola dos rabis, qual foi o Seu comportamento e o Seu aproveitamento escolar. Procuremos atualizar este episódio, estabelecendo



algumas comparações com a escola que frequentam os nossos filhos, os nossos netos, as crianças e os jovens da nossa Igreja.

Segundo o relato de Lucas 2:46-49, José e Maria encontraram Jesus três dias depois. Onde? Como? Em que situação? *Onde e Como se encontram os nossos filhos hoje?*

“O acharam no Templo...” Jesus estava no Templo, não num lugar de divertimentos ou de distrações tão comuns e tão apelativas para os jovens de doze anos. Jesus foi achado num lugar de adoração, mas também de aprendizagem. Jesus achava-Se num lugar de confiança, de segurança, onde se respiravam as Sagradas Escrituras, onde se vivia a fé. Onde se acham os nossos filhos hoje? Num lugar onde se respiram as Sagradas Escrituras?

“... Assentado...” Jesus encontrava-Se confortável, sentado. Tinha tudo o que era necessário para aprender. O Templo e a escola dos rabis eram um lugar com um bom ambiente pedagógico. Se assim não fosse, Jesus não estaria lá. Onde se acham os nossos filhos? Num lugar com um bom ambiente, propício ao seu crescimento espiritual?

“... no meio dos doutores...” Jesus foi achado rodeado de homens disponíveis, que valorizavam a educação dos jovens, que se preocupavam em formar caracteres para o futuro, bons cidadãos. Será que onde se encontram os nossos filhos existem “doutores” (entenda-se pessoal docente e pessoal não docente, homens e mulheres) disponíveis? Que vivem na sua plenitude a educação Cristã e os seus objetivos?

Que partilham connosco, enquanto pais e membros de Igreja, a preocupação com o futuro eterno das crianças e dos jovens?

“... ouvindo-os...” Jesus ouvia, sabia ouvir. Que lição importante para todos os jovens dos nossos dias. Saber ouvir os professores, os pais, as pessoas mais velhas e só depois falar. Jesus sabia ouvir e mostrava disponibilidade para ouvir. Será que onde se acham os nossos filhos há a preocupação em os educar para saberem ouvir? E para se fazerem ouvir? Saberão os educadores dos nossos filhos escutá-los?

“... interrogando-os...” Jesus questionava os doutores. Não os contradizia, interrogava-os. Jesus mostrava vontade de aprender, de instruir-Se, daí questionar os professores. Os rabis acatavam bem as

Suas questões, respondendo, mas também devolvendo as questões a Jesus. É bom saber devolver as questões a quem as coloca. Isso suscita nas crianças e nos jovens a curiosidade e o espírito crítico e atento. Será que onde se acham os nossos filhos existem condições para se aceitar as suas perguntas, dúvidas e incertezas? Existirão também condições, perspicácia, interesse e amizade da parte dos educadores para aceitar, ouvir e responder às dúvidas dos nossos filhos? Que respostas trazem os nossos filhos da escola sobre questões relacionadas, por exemplo, com sexualidade, drogas, relacionamentos, religião ou origens do Universo e da vida? Questões importantes são lançadas diariamente em busca de um retorno para a construção do saber e da personalidade. Quem educa, e como educa, os filhos da Igreja nas escolas que frequentam? Haverá sintonia com a educação que os nossos filhos recebem no seu lar Cristão Adventista e na sua Igreja?

“... admiravam a Sua inteligência e respostas...” Jesus dava respostas a questões às quais os rabis não sabiam responder. Os rabis “ficaram assombrados com o conhecimento que Ele possuía das Escrituras. Perceberam que as conhecia muito melhor do que eles” (Ellen White, *Vida de Jesus*, P. Atlântico, p. 26). Os educadores são muitas vezes educados pelos aprendizes, pois o processo de ensino-aprendizagem é um processo bi-lateral, tanto se ensina como se aprende. Será que, onde se acham os nossos filhos, existem educadores capazes de ouvir as suas respostas, de reconhecer a sua inteligência e de valorizar os seus princípios, valores e escolhas?

“... não sabeis que Me convém tratar dos negócios do Meu Pai?” Deve ter sido grande o regozijo de Maria

e de José ao encontrarem Jesus, após terem passado três dias afastados d'Ele. Maria, porém, entendeu que Jesus devia ser repreendido, por ter abandonado os Seus pais. Ao responder à Sua mãe, Jesus apontou para o Céu. “Jesus sabia que era o Filho de Deus, e que estava a fazer a obra para a qual tinha sido enviado ao mundo da parte do Seu Pai” (Ellen White, *Vida de Jesus*, P. Atlântico, p. 27). Jesus era um jovem que possuía autonomia de pensamento. Ele já fizera a Sua escolha, a escolha de seguir o Pai celestial, escolha essa que revela desde logo a Sua assumida responsabilidade e missão. Será que onde se acham os nossos filhos existem condições para eles escolherem a quem servir, neste mundo em que se vive uma guerra cósmica entre o Bem e o Mal? Terá a escola onde se encontram os nossos filhos capacidade para os ajudar a assumir com responsabilidade e autonomia uma vida de serviço e de espiritualidade? Permitirá a escola, como um dos agentes educativos, ajudar a família e a Igreja na integração plena do jovem na fé e nos princípios que Deus deixou para o Seu povo?

Onde e Como se encontram os nossos filhos hoje? A pergunta é pertinente e é-nos lançada por Deus, a nós, pais, educadores e membros da Igreja.

“José e Maria amavam Jesus, mas tinham revelado certa negligência ao perdê-lo. Tinham-se esquecido da obra que Deus os incumbira de fazer. Um dia de negligência foi bastante para perderem Jesus!” (Ellen White, *Vida de Jesus*, P. Atlântico, p. 27).

E nós, pais, membros da Igreja e professores? Queremos nós perder os nossos filhos ou alunos, que tanto amamos? Claro que não! Importa, então, refletirmos na educação que lhes temos dado, nas escolhas que temos feito para a sua vida!

Que posição assumimos nós perante o mandamento da educação que Deus espera que cumpramos: “Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor” (Isaías 54:13)?

O que temos feito para garantir aos nossos jovens uma educação para a eternidade?

Devemos fazer escolhas corretas, ou seja, garantir uma educação Cristã no lar, na igreja e na escola, e aguardar pelos frutos que serão visíveis somente na vida eterna, na Nova Jerusalém. Temos que fazer a nossa parte, pois Deus fará a Sua, de certeza absoluta.

A educação Adventista é um investimento para o futuro; é uma semente lançada na terra, que um dia brotará, crescerá e dará os seus frutos.

Com humildade, devemos continuamente suplicar por sabedoria, força e orientação divina, para que seja garantido aos nossos filhos ou alunos tudo do que eles necessitam: amor, conhecimentos, aceitação, disponibilidade para ouvir e aconselhar e, sobretudo, espiritualidade.

Enquanto educadores, quão bom será podermos aplicar aos nossos filhos, aos nossos alunos, às nossas crianças e jovens as características que o jovem Jesus possuía: “E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (Lucas 2:52).

Que o nosso trabalho e as nossas decisões, enquanto pais, e que os nossos conselhos, enquanto membros de Igreja, possam ser dirigidos por Deus para que as nossas crianças e jovens possam ser verdadeiramente “ensinados do Senhor”, crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, aguardando “com Cristo” a Sua Segunda Vinda e vivendo mais a missão. ✨



Tiago Alves
Departamental da Educação

Uma Geração que vive mais a Missão

PEDRO ESTEVES

Uma das mais belas verdades acerca da Igreja, segundo o ensino das Escrituras, é que ela é rica em diversidade e pluralidade e é, ao mesmo tempo, una e indivisível. Como é isto possível? Pela intervenção e pela abundância do Espírito Santo! Mas tentemos aprofundar um pouco mais este conceito.

Diz o apóstolo aos Coríntios que “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (I Coríntios 12:4-6). Portanto, para que haja verdadeiramente Igreja, ela tem de manifestar a diversidade da graça, das bênçãos e dos dons que o Espírito distribui. Mais do que isso, a Igreja reflete a imagem do próprio Criador: “Servindo uns aos outros conforme o dom que cada um recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (I Pedro 4:10). Repare, portanto, que a Igreja é depositária da graça de Deus, mas esta é multiforme, ou seja, assume diferentes formas. Quando a graça de Deus é abundante na Igreja, ela

não se manifesta de forma uniforme, mas sim de forma diversa e plural, tal como o próprio Deus, cuja essência é plural.

No entanto, esta diversidade experimenta-se em perfeita harmonia e complementaridade e, portanto, de forma indivisível. Esta verdade é expressa diversas vezes pelo apóstolo Paulo na sua imagem da Igreja como corpo. As palavras do apóstolo são as seguintes: “Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente uns dos outros” (Romanos 12:4 e 5). Ser um só corpo significa que, mesmo se há vários membros e mesmo se eles assumem formas e funções diversas, eles não existem

uns sem os outros e, mais do que isso, eles só existem enquanto membros porque há um corpo que lhes dá sentido e identidade. A Igreja não pode, portanto, ser dividida em partes, em grupos ou em fações, porque ela é uma unidade perfeita e completa de diferentes membros, ou seja, ela é um corpo.

Resumindo estes dois conceitos, podemos usar a seguinte imagem: um braço fora do corpo não é braço, não executa a função de braço, não exerce nenhum propósito, não tem razão de existir enquanto tal. Por outro lado, um corpo sem um dos seus braços não é plenamente corpo, não consegue expressar todas as dimensões do seu ser. Assim, na Igreja, a parte não existe sem o todo e o todo não é completo sem as partes.

Vamos agora aplicar este princípio a uma das mais extraordinárias formas de diversidade dentro da Igreja: as diferentes gerações, a pluralidade de idades e de experiências de vida. A Igreja é um espaço em que convivem ao mesmo tempo crianças, isto é, meninos e meninas que dão os primeiros passos na vida



e na fé; jovens, isto é, rapazes e raparigas que se definem enquanto pessoas e enquanto crentes, e, também, adultos, isto é, homens e mulheres capazes de expressar a maturidade do seu relacionamento com Deus. E como é que Deus vê esta diversidade geracional? O profeta Joel recebeu do Céu uma visão clara sobre este assunto, a qual foi reforçada no discurso de Pedro no Pentecostes: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, os vossos anciãos terão sonhos” (Atos 2:17). O projeto de Deus para o Seu povo é claro e profundamente inspirador. O Espírito Santo é concedido em abundância a todas as gerações – crianças, jovens e adultos – e, apesar da diversidade que estas gerações representam, elas estão perfeitamente unidas pela ação do Espírito e pela missão que Ele lhes confia.

A missão na Igreja não pertence a um qualquer grupo que tenha um dom especial, a missão não é cumprida por oficiais eleitos para esse efeito, a missão também não é pertença dos irmãos que têm idade ou maturidade para poder pregar o Evangelho. A missão é um privilégio que o Senhor concede a todos os membros do corpo, tenham eles cinco, quinze, cinquenta ou cem anos. O apóstolo João “celebra” esta visão intergeracional da Igreja e da missão. Ele diz aos adultos: “Pais, eu vos escrevo, porque conheceis Aquele que é desde o princípio.” Ele encoraja os jovens: “Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e já vencestes o Maligno”, e ele não esquece as crianças: “Eu vos escrevi, meninos, porque conheceis o Pai” (I João 2:13 e 14).

Hoje, no tempo profético e especial em que vivemos, está diante de nós uma nova geração de crianças e jovens; crianças e jovens que preci-

sam de ser reconhecidos, mas que também precisam de se assumir, eles próprios, como parte integrante deste movimento coletivo que Deus quer usar de forma poderosa para o avanço da Sua Obra na Terra. Hoje, toda a Igreja, enquanto corpo, e as gerações mais novas em particular, como parte desse corpo, têm de ouvir de forma renovada as palavras de Jesus, como um apelo ao serviço: “Deixai vir a Mim os ‘mais novos’, porque deles é o Reino dos Céus” (ver Marcos 10:14). Deus quer levantar uma Igreja, composta por gente de todas as gerações, que viva mais a missão e que nesta diversidade (de idades, de dons, de experiências ...) se una em torno do grande sonho de Deus: “A mensagem do Advento a todo o mundo nesta geração!”



Pedro Esteves
Departamental da Juventude



De espectadores a discípulos

JÚLIO CARLOS SANTOS

Quando somos espectadores, estamos a ser testemunhas de algo que se está a passar diante dos nossos olhos, algo que nos entusiasma, que nos faz vibrar. Imaginemos um grande espetáculo. Talvez o que vivemos sejam momentos de êxtase que, graças à fantástica máquina que é o nosso cérebro, permanecerão na nossa lembrança, mas que, com o passar do tempo, se esfumam, bem arrumados nas gavetas da memória, até que quase não fica nada. Por isso mesmo, ansiamos por tornar a viver outros momentos semelhantes. Aqui, o que nos faz vibrar são coisas exteriores a nós mesmos, e nunca passam disso.

Quando somos discípulos também nos emocionamos, também sentimos uma imensa alegria com o que vemos ou ouvimos, mas agora é o nosso interior que sente tudo isso e muito mais, à medida que somos confrontados com algo que começa a crescer dentro do nosso coração: é o maravilhoso poder do Espírito Santo! Neste caso, aos primeiros momentos desta experiência sucedem-se outros e mais outros e, finalmente, damos connosco a sentir que há outros espaços que podemos conquistar, para crescermos espiritualmente

e para passarmos a outras pessoas esta mensagem tão rica!

O que aconteceu com os primeiros discípulos? Porque se colocavam aos pés de Jesus e O seguiam? A serva do Senhor dá-nos a resposta: “Tinham respondido ao chamado do Espírito Santo na pregação de João Batista. Agora reconheceram a voz do Mestre celestial. As palavras de Jesus foram para eles cheias de novidade, verdade e beleza. Uma luz divina foi projetada sobre o ensino das Escrituras do Velho Testamento. Os complexos temas da verdade apareceram sob uma nova luz”

(Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 106).

Sim, Jesus conhece o coração dos homens e quer chegar até eles de um modo único (João 1:47-50). Na Sua omnisciência, Ele conhece o desenrolar dos séculos e esperou pela hora certa. Não era somente o relógio do tempo (*cronos*) que devia estar certo, mas também deveríamos estar na plenitude do tempo (*kairos*). Então a ordem “Segue-Me” falou mais alto e levou muitos a tomarem grandes decisões, de tal modo que neste pequeno grupo de discípulos se deu a gênese da Igreja Cristã, sem os seus membros imaginarem que estavam a trabalhar para construir o maior monumento espiritual da história da Terra. E sob circunstâncias probantes, por vezes debaixo de fogo inimigo (Satanás nunca desiste de derrubar a obra de Deus), os discípulos levavam a Palavra e muitos a aceitavam. O livro de Atos dos Apóstolos consegue, hoje ainda, arrebatá-nos com as experiências que descreve e que muito amamos: o Evangelho é pregado aos Judeus e às gentes de outras nações (Atos 17:1-4, 11 e 12).



Com os escassos meios de que dispunham, a Palavra de Deus para a salvação dos homens era levada pelos discípulos com determinação. Não nos podemos esquecer das viagens de Paulo, do mérito dos seus muitos colaboradores e colaboradoras, sempre infatigáveis. Prisões, torturas, humilhações e morte foi o que sofreram pela firme decisão de não abandonarem a verdade e pela satisfação de pregarem Cristo ressurrecto, a Quem amavam mais do que à própria vida.

Aos homens e às mulheres do passado não foi necessário fé para seguirem em frente? Não confiaram eles no poder do Alto? Não nos deixemos vencer. Porque se este foi o nosso passado imorredouro, é hoje a nossa escola, de modo a sabermos o trilho que havemos de seguir para sermos verdadeiros discípulos do nosso Mestre, agradando aos Seus santos olhos. Não cedamos ao desânimo, não pensemos que existem outros mais capazes do que nós que poderão fazer o trabalho. Aqui, um toque de ousadia é essencial. E surge sempre uma oportunidade, há sempre

uma alma que, sem o imaginarmos, poderá estar sedenta de ouvir acerca da salvação. Dizemos que as pessoas andam arredias da religião. Mas também não é menos verdade que elas vivem num frenesim tão clamoroso, estão tão cansadas, tão vergadas a pesos que não conseguem suportar. Quem sabe se a apatia não é a sua defesa! Podemos falar-lhes, levando uma palavra de esperança. E isso pode ser feito por cada um de nós! “Um momento de suspensão foi-nos graciosamente concedido por Deus. Todo o poder a nós emprestado pelo Céu deve ser empregado em fazer a obra que nos foi designada pelo Senhor em benefício dos que estão a perecer na ignorância” (Ellen White, *Review and Herald*, 23 de novembro de 1905).

Sim, o tempo corre inexoravelmente, esvai-se por entre os nossos dedos numa voragem que nos escapa. A escolha é nossa, sem dúvida. Se preferirmos ser espectadores, o resultado pode ser devastador. Assistiremos não somente à derrocada deste mundo, mas também à nossa própria derrocada. Mas

se nos empenharmos no Discipulado com espírito de humildade e de oração, levando almas aos pés de Jesus, teremos a grande alegria de podermos vê-las louvando a Deus por toda a eternidade. A história da redenção é ímpar. Conseguiremos compreender como é que o Senhor chamou seres indignos e pecadores para nela participarem? Que amor maravilhoso!

“Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mateus 28:19 e 20).

Com estas palavras de encorajamento, prossigamos a nossa caminhada, certos de que o Senhor nos dará força e ânimo para realizarmos a Sua obra na Terra. ♣



Júlio Carlos Santos
Área Departamental
de Evangelismo



O crente, um missionário da saúde

DANIEL BASTOS

Quando Jesus enviou os Seus doze discípulos às ovelhas perdidas da casa de Israel, exortou-os dizendo: “Curai os enfermos” (Mateus 10:8). Quando enviou os setenta, de dois em dois, às cidades e aos lugares aonde Ele havia de ir, também lhes disse: “Curai os enfermos” (Lucas 10:9). A Sua orientação partia do exemplo deixado por Si mesmo, uma vez que os Evangelhos nos relatam que Ele percorria cidades e aldeias a “curar todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 9:35). Será que as exortações que Jesus dirigiu aos Seus discípulos também se aplicam a nós, hoje? Nomeadamente àqueles que não são profissionais de saúde? A nossa irmã Ellen White parece querer responder afirmativamente a estas questões nas seguintes afirmações:

“Os servos de Cristo são Seus representantes, instrumentos pelos quais opera. Ele deseja, por intermédio dos mesmos, exercer o Seu poder de curar.

“O Evangelho possui ainda o mesmo poder, e porque não deveríamos testemunhar hoje idênticos resultados?” (Ellen White, *Beneficência Social*, p. 25).

“Chegámos a um tempo quando cada membro da Igreja devia lançar mão da obra Médico-Missionária”

(Ellen White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 289).

Ao recordarmos que é Deus Quem cura (Salmo 103:3) e que, como servos de Cristo, somos apenas instrumentos, podemos compreender melhor o seguinte mandato: “Curai os enfermos.” É, no entanto, muito importante referir que esta ordem vem lado a lado com a mensagem que afirma que “o reino de Deus está próximo” (Mateus 10:7) e que “é chegado a

vós o reino de Deus” (Lucas 10:9). No ministério de Cristo, a cura física e a cura espiritual estavam intimamente associadas. Pregar o Evangelho sem investir na cura física, ou trabalhar na cura física sem anunciar o Evangelho, parece não cumprir o mandato de Cristo para os Seus discípulos. “Jamais sereis ministros que seguem a ordem evangélica enquanto não demonstrardes um decidido interesse pela obra médico-missionária, o Evangelho da saúde, da bênção e do fortalecimento” (Ellen White, *Conselhos sobre Saúde*, p. 533).

A grande questão que se coloca é: Como poderei ser um discípulo segundo a ordem evangélica de Cristo? Ou, se preferirmos, como posso ser um médico-missionário? Ou ainda, como posso ser um missionário pela saúde? A esse respeito, Ellen White enfatizou a necessidade de ensino prático, quando escreveu:

“Muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinassem a começar. Necessitam de ser instruídos e animados. Toda a Igreja deve ser uma escola missionária para obreiros Cristãos. Os seus membros



devem ser instruídos a dar estudos bíblicos, em dirigir e ensinar classes da Escola Sabatina, na melhor maneira de auxiliar os pobres e cuidar dos doentes, de trabalhar pelos inconversos. Deve haver cursos de saúde, de arte culinária, e classes em vários ramos de serviço no auxílio Cristão. Não somente deve haver ensino, mas trabalho real, sob a direção de instrutores experientes. Que os mestres vão à frente no trabalho entre o povo, e outros, unindo-se a eles, aprenderão em seu exemplo. Um exemplo vale mais do que muitos preceitos” (Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 149).

À luz das orientações que, como Igreja, recebemos, temos procurado em Portugal formar os crentes nesta linha de ministério. Esteja atento às oportunidades nesse sentido. Existem também bons livros para nos ajudar a compreender o que podemos fazer nesta área. Livros como *A Ciência do Bom Viver*, *Medicina e Salvação*, *Serviço Cristão*, *Evangelismo*, *Temperança*, *Conselhos sobre Saúde*, *Beneficência Social* e outros. No entanto, vejamos alguns exemplos bíblicos de verdadeiros médicos-missionários que podem ser um modelo para nós.

A menina cativa falou à sua patroa acerca do profeta de Deus que podia

curar Naamã (II Reis 5). Também nós podemos encaminhar os doentes e os seus familiares para a profetisa do Senhor, Ellen White, que, através dos seus escritos, em muito pode promover a cura física e espiritual do ser.

O bom samaritano não mediu esforços para socorrer o homem que fora assaltado no caminho para Jericó (Lucas 10:25-37). Como ele, podemos aprender e aplicar técnicas de primeiros socorros, mostrando compaixão de forma prática àqueles que vamos encontrando caídos na estrada da vida.

Daniel e os seus companheiros mostraram determinação em viver os princípios de saúde em Babilónia (Daniel 1). Como resultado, deram um testemunho com muito impacto acerca do único Deus verdadeiro. Também cada um de nós está a testemunhar do Criador, ao seguir a mensagem de saúde que Deus deu ao Seu povo para este tempo.

“Se os Adventistas do Sétimo Dia pusessem em prática o que professam crer, se fossem sinceros reformadores da saúde, seriam realmente um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens” (Ellen White, *Conselhos sobre Saúde*, p. 575).

Com criatividade, alguma formação e muito amor, todos nós podemos ser instrumentos nas mãos de

Deus para a cura física, emocional, social e espiritual daqueles que o Senhor põe no nosso caminho. Uma palavra na altura certa, uma revista sobre os oito remédios naturais, um bom pão integral, uma massagem de relaxamento, um tratamento de hidroterapia são sempre bem-vindos no contexto de um relacionamento de confiança e respeito. Se já abraçamos a mensagem de saúde, temos muito a ensinar acerca de um estilo de vida saudável, ensino que, por si só, remove uma percentagem elevada de causas que levam à doença.

Ao dedicarmos tempo e atenção, de forma desinteressada, à saúde e ao bem-estar das pessoas com quem contactamos no dia-a-dia, revelamos o amor de Deus e somos transformados à Sua imagem. Ao nos empenharmos neste ministério, estamos, de facto, a prepararmos para a Segunda Vinda de Jesus. Ele mesmo disse: “Aquele que crê em Mim fará as obras que Eu faço” (João 14:12) E a tais pessoas, Ele dirá: “Servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor.”



Daniel Bastos
Área Departamental
de Saúde e Temperança

Fidelidade no cumprimento da missão

DANIEL VICENTE

"E o Senhor estava com José, e foi homem próspero" (Gênesis 39:2). A vida de um estudante casado nunca é fácil, mas aquela semana estava a ser um pouco mais complicada do que as anteriores. Eu não tinha tido a possibilidade de trabalhar durante o domingo, como era habitual, e estava sem qualquer meio para efetuar a compra de alimentos para aquela semana. À hora do jantar, a minha mulher alertou-me para o facto de estarmos a comer a última sopa que havia no frigorífico. Este encontrava-se vazio e no armário de compras só havia um resto de farinha para a papa da manhã da nossa filha Andreia, uma bebé de 18 meses. A minha mulher não tinha sequer a possibilidade de confeccionar o almoço do dia seguinte.

Quando José foi vendido pelos seus irmãos aos Ismaelitas, parecia que ele não tinha nada. Ele, que tinha tido direito a uma túnica de várias cores, que hoje seria considerada como uma roupa de marca, agora não tinha mais nada. Estava nu, como era normal para um escravo (os seus irmãos ficaram com a sua roupa de marca para a estragarem com o sangue de um bode e simularem assim a sua morte), e o valor que lhe tinham atribuído não excedia as vinte

peças de prata (Gênesis 37:26-29).

No entanto, o relato bíblico prossegue e diz-nos que essa não seria a condição de José por muito mais tempo. Ele foi vendido pelos Ismaelitas a Potifar, oficial da casa de Faraó e capitão da guarda. Diz-nos ainda o relato que "o Senhor estava com José, de modo que este prosperou e passou a morar na casa do seu senhor egípcio" (Gênesis 39:2).

O Senhor é sempre fiel para com aqueles que esperam nas Suas promessas e n'Ele confiam, apesar de

certas circunstâncias nos parecerem, num determinado momento, muito adversas e, até, impossíveis de serem ultrapassadas. Não podemos saber exatamente como é que José se sentia naquele momento, embora, mais tarde, ele tenha vindo a reconhecer que Deus estava a conduzir toda a sua vida (Gênesis 45:5). Não penso que José se sentisse muito bem quando iniciou aquela "viagem" rumo ao Egito. Aquele menino do papá não estava habituado ao tipo de adversidades que teve de enfrentar. Mas, mesmo assim, ele não deixou de ser fiel a Deus e continuou a esperar n'Ele, até que passasse a adversidade.

Nem a minha família nem eu tínhamos anteriormente passado por uma situação semelhante àquela que descrevi na introdução a esta mensagem. Assim, ajoelhámo-nos e orámos para que Deus cumprisse a promessa da Sua Palavra: "Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua semente a mendigar o pão. Compede-se sempre, e empresta, e a sua semente é abençoada" (Salmo 37:25 e 26).



Tal como José, nós queríamos acreditar que aquele momento de adversidade iria passar. Deus nunca nos tinha faltado com o pão de cada dia (Mateus 6:11). E não queríamos dizer a ninguém que nos encontraríamos naquela situação. Não se tratava de qualquer tipo de orgulho, o qual, aliás, não seria apropriado para um casal jovem com dificuldade em alimentar a sua bebé. Nada disso. Simplesmente desejávamos que Deus atuasse de forma direta na nossa vida, cumprindo a promessa de que não teríamos de mendigar o nosso pão.

Na manhã seguinte, a minha mulher acordou bem cedo, pois tinha de servir o pequeno-almoço aos estudantes internos, no refeitório do *Campus* onde estudávamos. Quando acordou, disse-me: “Já sei como é que vamos dar o almoço à Andreia. Sobra sempre alguma comida no refeitório e como ontem vim mais tarde para casa, vou dizer ao cozinheiro que não pude preparar a comida para a menina e vou perguntar-lhe se posso trazer para ela um pouco da

comida que sobra. Assim, não digo a ninguém o que se está a passar e, depois, logo vemos como é que o Senhor irá resolver o nosso problema amanhã.”

Não tinham passado nem cinco minutos desde que a minha mulher saíra de casa, quando ela volta atrás com um envelope na mão. “Então, o que é que se passa?”, perguntei. “Quando ia a descer para o refeitório” – respondeu ela – “cruzei-me com o pastor da nossa igreja, que me pediu que te entregasse este envelope. Eu disse-lhe que to faria chegar depois do almoço. Mas ele respondeu-me que era muito urgente e pediu-me que o entregasse mesmo antes de ir para o refeitório”.

Fiquei um tanto assustado. O que seria tão urgente que não podia esperar pela hora do almoço? O que tinha levado o pastor da igreja a vir a nossa casa antes das seis da manhã?

Quando abri o envelope, deparamo-nos com uma nota de 5000 pesetas e com um bilhete escrito à mão, em letras maiúsculas: “DE LA PARTE DE DIOS” (“Da parte de Deus”).

Abraçámo-nos a chorar. Não podíamos conter as lágrimas de tanta emoção. Ajoelhámo-nos numa oração de agradecimento e de louvor a Deus. Mais uma vez, Deus estava a mostrar claramente que as Suas promessas são sempre válidas e que, quando Lhe somos fiéis, Ele é sempre fiel e não falha.

Até ao dia de hoje, nunca mais tivemos de passar por uma experiência semelhante, em que tivéssemos de ficar sem nada para chegarmos a ver a total generosidade de Deus.

Que Deus o ajude a si e a todos os seus a poderem experimentar a prosperidade que Deus reserva para cada um de nós, quando vivemos mais a nossa entrega e nos damos ao serviço para Sua honra e glória. Tenhamos a mesma confiança que encontramos na vida de José, que, apesar de ter de passar por diferentes crises no Egito, ali permaneceu fiel e prosperou pela graça de Deus. ✨



Daniel Vicente
Área Departamental
de Mordomia



Viver + a missão na família

MARIA DA LUZ CORDEIRO

Quando falamos de “missão”, poderá vir ao nosso pensamento a ideia de uma terra longínqua, de uma língua estrangeira, de circunstâncias de vida precárias e da necessidade de um chamado especial de Deus para esse ministério particular. Pensamos nos missionários que, abrindo mão da sua vida, do seu país e, alguns, até mesmo da sua família, vão ao encontro de quase nada para doarem quase tudo. Para a maior parte de nós, este desprendimento em relação ao que é comum e aos sonhos que, naturalmente, compõem a nossa vida faz-nos interrogar porque não somos também nós capazes de deixar tudo, de entregar tudo e de darmos esse grande passo de fé e confiança que consideramos ser tão nobre e exemplar, o passo de fé dado por esses homens e essas mulheres que, um dia, partiram para além do mar.

Para outros, no entanto, falar de “missão” é ter a alegria de poder partilhar, nos momentos missionários da sua igreja, o número de revistas ou folhetos distribuídos durante a última semana na sua aldeia, vila ou cidade. E se algum de nós se sente incomodado com aquele irmão ou com aquela irmã que insiste em defender que “ser missionário” é continuar o traba-

lho persistente e corajoso do porta a porta, defendemo-nos dizendo-lhes que é o ministério pela amizade que conquistará os nossos vizinhos e familiares. Afinal esta é a “missão” mais importante – conquistar os corações. E claro que consideração não menos importante é a do pastor, do ancião ou de outro oficial de Igreja, que revê no número de visitas da última

campanha evangelística, nos estudos bíblicos subsequentes, nos pequenos grupos ou no número de batismos finais, a expressão da nobre “missão”.

Não querendo, de forma alguma, diminuir a importância das diferentes atividades atrás referidas e a necessidade que temos de que as mesmas continuem a fazer parte deste movimento que aguarda o feliz dia do Advento, permitam-me convidar-vos à reflexão sobre a “missão” que a todos nós foi entregue e que é, muitas vezes, esquecida em nome das “outras missões”, sendo até, algumas vezes, negligenciada.

“A nossa obra para Cristo deve começar com a família, no lar. [...] Não existe campo missionário mais importante do que esse” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 35). Se a nossa personalidade ou os nossos diferentes dons e talentos nos motivam a esquivarmo-nos de algumas “atividades missionárias” em prol de outras, a “missão no lar” é um chamado que é entregue a todos nós. E se, no nosso coração, temos uma admiração profunda pelos missionários de além-mar ou

por aquele irmão, irmã ou pastor que, entre revistas, folhetos, estudos bíblicos, visitas, batismos e pregações, nos oferecem um exemplo tão prático de “missão”, para além de tudo isto o Senhor, hoje, nos recorda de que “não existe campo missionário mais importante” do que a família e o lar.

Mas é exatamente aí, no nosso lar, na nossa família, que achamos poder respirar, relaxar, descontraír daquela semana intensiva de evangelismo que vivemos na Igreja, daquela tarde animada de distribuição do livro missionário, daquela saída do nosso coro e da nossa orquestra ao lar da terceira idade ou daquela manhã em que fizemos o peditório para a ADRA. Finalmente deitados no sofá, pedindo à restante família que não nos incomode, descontraímos dos diferentes eventos de “missão” com um refrigerante, pipocas e um “bom” filme. “Missão” cumprida!

Se o Espírito de Profecia nos diz que a “nossa obra para Cristo deve começar com a família, no lar”, muitas vezes tenho a sensação de que é aí mesmo que ela termina. Uma grande “obra para Cristo”, achamos nós, são aqueles momentos em que, expostos aos olhares dos irmãos da igreja, dos amigos e dos vizinhos, aprimoramo-nos no nosso falar, nas nossas ações, nas nossas “atividades missionárias”. Os “dez minutos missionários”, a “saída missionária”, o “boletim das missões”, a “campanha de evangelismo” são os momentos quantificados na nossa agenda para tais eventos. Sim, porque a gênese do nosso problema é que, para a maior parte de nós, a “missão” é um evento. Um acontecimento, um momento intensivo de uma atividade muito particular que só se faz às vezes.

Quando o Senhor nos diz que “não se pode esconder a cidade edificada sobre o monte” e que “não se

acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa” (Mateus 5:14 e 15), Ele quer ensinar-nos a realidade do genuíno viver Cristão. A “missão” não é apenas uma parte da vida daquele que segue Jesus. “Vós sois a luz do mundo” (Mateus 5:14). A “missão” é a vida total do Cristão. E, por isso, essa luz será emitida pela nossa vida quando estamos na igreja, na vizinhança, na vila em que moramos ou do outro lado do mar. E o mais importante é que essa luz não deixará de brilhar no seio da nossa família, porque é aí que ela deve começar.

Possivelmente, alguns questionam-se sobre a razão por que vai sendo cada vez mais difícil conseguir a presença de irmãos, irmãs e jovens nas diferentes “atividades missionárias”. Porque resistimos tão naturalmente a esses pedidos “missionários”? “Então porque há tanta falta de espírito missionário nas nossas igrejas? É por haver negligência na piedade doméstica” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 33). Queremos Viver + a “missão” na família, é compreendermos que não podemos continuar a negligenciar a “piedade doméstica”. Compreendermos que a devoção e a prática dos princípios divinos da Lei de Deus no seio da nossa família é o que deve ser levado a efeito no primeiro e no mais importante campo missionário. O que penso, como falo, o que falo, a forma como ajo, o que uso, o que como, o que vejo na televisão ou no computador quando estou em casa, é quem eu realmente sou. Sim, porque para os outros é fácil parecer o que não

somos, mas para os nossos, os de casa, é difícil não ser o que somos. “Uma família bem ordenada, bem disciplinada, fala mais em favor do Cristianismo do que todos os sermões que se possam pregar” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 32).

Insistir na aparência de uma profissão de fé em que transpareça essa incoerência de vida entre aquilo que pregamos e aquilo que vivemos é ver cumprida em nós a visão de Ezequiel sobre os ossos secos (Ezequiel 37:1-14). Se a nossa bondade, os nossos gestos altruístas, as nossas palavras cuidadas e o nosso rosto amável para com os outros contrastam com o nosso egoísmo, as nossas palavras impacientes, os nossos gestos azedos e o nosso rosto carrancudo para com os nossos familiares, então não somos mais do que esses “ossos sequíssimos” nos quais “não há neles o espírito”.

Viver + a “missão” na família é o grande desafio diário, que todos nós somos chamados a viver. Partilhar o amor de Jesus e a alegria da salvação com o nosso cônjuge, com os nossos filhos e com os restantes familiares é o desafio missionário mais importante entre todas as “missões” que existem. E se em alguns de nós persiste a ideia de que parece ser muito limitado o evangelismo realizado na família, não esqueçamos que, hoje, o Senhor nos recorda de que “aquele que vive o Cristianismo no lar, será em toda a parte uma brilhante luz” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 38). #



Maria da Luz Cordeiro
Área Departamental
da Família



A comunicação no compromisso da missão

JORGE DUARTE

Quando Arquimedes, considerado o maior matemático da Antiguidade, procurou dar uma explicação sobre o funcionamento das alavancas, disse: “Deem-me um ponto de apoio e eu moverei a Terra.”

Se compararmos esta afirmação com o desafio que Jesus colocou à Sua Igreja, vemos que Ele nos deu o firme, constante e vitorioso apoio do Consolador e, nesta certeza, todos os crentes que vivam em união são os comunicadores que Deus escolheu para moverem o mundo! Cada vez mais a nossa grande preocupação deve centralizar-se no compromisso que temos com a missão, enquanto caminhamos para a Terra Prometida.

A missão de Jesus

Quando olhamos para Jesus e para a Sua missão, encontramos uma mensagem que ainda hoje é atual e cheia de sentido. Jesus, naquela manhã de Sábado em que entrou na sinagoga, disse: “O Espírito do Senhor tomou posse de Mim, por isso Me escolheu para levar a boa-nova aos pobres. Enviou-Me para anunciar a libertação aos prisioneiros, para dar vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar o

tempo favorável da parte do Senhor” (Lucas 4:18 e 19 – *Bíblia Para Mim*).

Os nossos dias na Terra estão repletos de acontecimentos vividos por indivíduos que necessitam urgentemente de receber a mensagem de esperança. Necessitam de receber a informação clara de que há “um futuro e uma esperança” (Jeremias 29:11). As novas tecnologias são uma ajuda preciosa para se difundir a Boa-Nova. Cada crente tem à sua disposição ferra-

mentas que possibilitam anunciar rapidamente a mensagem que pode mover corações.

Somos nós, hoje, aqueles que têm a função de dar continuidade à missão de Jesus. Somos nós que devemos levar a Boa-Nova aos pobres; anunciar de viva voz que Cristo tem poder para libertar os oprimidos e os que estão presos pelas amarras do pecado. Precisamos de levar luz e visão aos cegos espirituais e proclamar ao mundo que Jesus em breve virá.

Significado do verbo “comunicar”

O Dicionário de Língua Portuguesa dá ao verbo “comunicar” o sentido de “partilhar” ou “transmitir”. Os crentes têm diante de si a missão de fazer ecoar a mensagem de esperança. Para que os outros vejam e oiçam o Evangelho Eterno, devemos exprimir o nosso testemunho como fez o apóstolo João: “O que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida [...], isso vos anunciamos” (I João 1:1-3).



Muitos entre nós ainda não experimentaram fazer eco da mensagem do Céu. Acreditamos que “o Eterno Deus, o Senhor, Criador dos fins da Terra, nem Se cansa nem Se fatiga [...]. [Ele] dá força ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor” (Isaías 40:28 e 29), mas não estamos ainda disponíveis para fazer desta a nossa experiência de vida e, assim, sermos comunicadores de Jesus por onde andarmos.

A missão da Igreja

“Existem pessoas que, durante toda a sua vida, professaram conhecer Cristo, e, todavia, nunca fizeram um esforço pessoal para levar uma só pessoa ao Salvador. [...] Há muita gente que necessita do serviço de corações cheios de amor Cristão. Quantos poderiam ter sido salvos, se os seus vizinhos, homens e mulheres comuns, se tivessem esforçado em seu benefício. Na própria família, na vizinhança, na cidade em que residimos, há trabalho para fazermos como missionários de Cristo. Se somos Cristãos, esta obra será nosso prazer” (Ellen

White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, pp. 108 e 109).

Mas, então, o que nos falta para sermos os comunicadores da missão nesta geração?

Precisamos urgentemente de reconhecer que não poderemos partilhar a Palavra de Deus, se a mesma não tiver um lugar muito especial na nossa vida. O Salmista escreveu: “Escondi a Tua Palavra no meu coração” (Salmo 119:11). Nós, os comunicadores, precisamos, sem demora, de esconder a Palavra de Deus no nosso coração, para que se torne tão especial e tão importante que nada neste mundo nos consiga arrancar das mãos de Deus!

O Senhor, por meio de Daniel, anunciou que nos últimos dias se multiplicaria o conhecimento, não com o propósito de aumentar o pecado no Planeta, mas para que os homens de Deus cheguem rapidamente a todo o mundo com a mensagem da salvação. Porém, “a nossa influência sobre os outros depende menos do que dizemos, do que daquilo que somos” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 109).

Deixemo-nos santificar pela Palavra Viva, “porque a Palavra de Deus, apresentada por alguém santificado por ela, tem poder para comunicar uma vida que a torna atrativa aos que a escutam, convencendo-os de que é uma realidade divina” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 109).

Ser um comunicador da verdade eterna é, acima de tudo, entrar pela porta do Céu que ainda está aberta (Apocalipse 4:1), para aí recebermos “chuvas de bênçãos”, porque “o que regar também será regado” (Provérbios 11:25). Talvez ainda não tenhamos experimentado verdadeiramente anunciar Cristo ao mundo, mas “aquele que procura comunicar luz aos outros, será ele próprio abençoado” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 109).

Não será esta a bênção que ainda nos falta na nossa preparação para a eternidade? ☞



Jorge Duarte
Área Departamental
de Comunicação



Publicações: uma missão de alta estratégia

ARTUR GUIMARÃES

Nenhum versículo bíblico fala mais claramente sobre o futuro da missão da nossa Igreja do que Apocalipse 18:1. João, o revelador, escreveu: “E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a Terra foi iluminada com a sua glória.” À Igreja de Deus é confiada a tarefa de pregar ao mundo as boas-novas da salvação. Na realidade, João viu que toda a Terra foi “iluminada”. O prezado leitor já pensou o que isto quer dizer? Jesus é a luz que ilumina a Terra. Não sabemos quantas pessoas O aceitarão, nem tão-pouco quantas serão convertidas, mas uma coisa sabemos, como povo Adventista: Todos terão conhecimento a respeito de Jesus!

É um privilégio saber que o ministério das publicações é fundamental, eu diria mesmo vital, nesta estratégia. Como declarou Ellen White, em 1902: “É em grande parte por meio de nossas casas editoras que se há de efetuar a obra daquele outro anjo que desce do Céu com grande poder, e com a sua glória ilumina a Terra (*O Colportor Evangelista*, p. 4). Deus deseja usar amplamente a literatura para iluminar a Terra.

Gostaria de partilhar com o prezado leitor a experiência de um col-

portor. Certo dia, ele bateu a uma porta, em determinada cidade, e, quando a porta se abriu, o nosso irmão foi surpreendido com um cumprimento grosseiro: “Não tenho interesse em livros.” “Quem disse que eu vendo livros?”, respondeu o colportor. “Então o que é que você vende?”, perguntou o dono da casa. “Eu vendo saúde, salvação e paz de espírito”, veio a rápida resposta do colportor evangelista. Impressionado e inspirado pelo sorriso e pelas palavras convincentes do estranho, o dono da casa permitiu a

entrada do colportor no seu lar. Este teve oportunidade de lhe falar sobre a sua experiência e sobre o verdadeiro motivo daquela visita. O referido senhor abriu o seu coração ao nosso irmão e ali se estabeleceu uma amizade. O colportor não vendeu nenhum livro, mas teve a oportunidade de oferecer um *O Grande Conflito* a este senhor e pediu autorização para orar com ele, ao que ele acedeu. Marcaram novo encontro. A partir desta data, este senhor não mais recebeu o nosso irmão com grosseria, mas sim com alegria. A amizade existente foi sendo fortalecida e, passado algum tempo, este senhor começou a frequentar uma igreja Adventista do Sétimo Dia, vindo, mais tarde, a entregar o seu coração a Jesus através do batismo! Graças ao ministério das publicações, experiências semelhantes ocorrem cada dia, não só em grandes cidades, mas também nos lugares mais remotos. Ao entrar num lar, o colportor torna-se num pregador vivo!

Na grande aventura do evangelismo é importante considerar os homens e as mulheres a quem uma



tarefa estratégica foi confiada. Para levar avante um ministério eficaz, escritores e responsáveis editoriais produzem e imprimem materiais que se harmonizam com as necessidades deste mundo. É importante que os nossos livros e as nossas revistas se tornem instrumentos que levem adiante a mensagem de Deus. Todos estes materiais são como sementes espalhadas pelos colportores e pelos membros de Igreja. Muitas delas, tenho a certeza, cairão em terreno fértil e, a seu tempo, darão fruto para a eternidade. As pessoas que levam literatura, que a espalham, são caracterizadas por uma preocupação muito grande com os seus semelhantes. Vencem o negativismo que reina na nossa sociedade através de uma esperança que vivem com intensidade, uma esperança de que algo de melhor as aguarda. A sua intenção bem clara é cumprir a missão que lhes cabe.

Na verdade, a ordem de Cristo dirigida aos onze também foi dirigida a todos os Cristãos das eras seguintes. A voz firme, gentil e, ao mesmo tempo, suplicante de Cristo, penetrou no coração dos discípulos, que prontamente atenderam ao chamado! A ordem de evangelizar tem falado ao coração de todos os crentes, em todos os tempos. “Vão! Falem! Ensinem! Preguem! Batizem! Eu estarei convosco!”

Perante a Igreja e perante cada um de nós, como membros de Igreja, estão, com certeza, colocados desafios muito importantes, eu diria desafios tremendos. O maior deles continua a ser a grande comissão, dada por Jesus há cerca de dois mil anos: “Vão e façam discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19). Diariamente, o conflito entre o bem e o mal intensifica-se na sociedade, nos governos e nas instituições. A indiferença para com as coisas de Deus, para com os valores Cristãos, atinge as pessoas de uma forma geral. Quase sem dar por isso, o mundo vive à deriva. Inimizades, guerras, calamidades acontecem frequentemente por todo o mundo e o Homem, de uma forma geral, continua a procurar soluções e justificações onde não as pode encontrar. Estamos cercados por tragédias, que causam preocupação, onde morrem milhares de pessoas, onde muitos bens são destruídos. Se acrescentarmos a tudo isto as tragédias sociais que passam pelo uso do álcool, pelo uso de drogas e pelos efeitos do tabaco, estamos perante um cenário em que, mais do que nunca, cada um de nós tem que dizer perante Deus: “Presente! Conta comigo!”

As pessoas buscam esperança e segurança. Tenho a certeza de que um livro, uma revista, pode fazer a diferença, pode levar esperança onde ela não existe. Gostaria de

fazer um convite e, simultaneamente, um desafio a cada membro Adventista em Portugal: Envolve-se mais ativamente nesta tarefa, utilize o seu tempo, a sua energia, os seus talentos naturais, os seus dons espirituais e até mesmo o seu dinheiro, se necessário, a fim de levar esperança a todos os lares, a todos os lugares do nosso país. Por outro lado, desafio-o a fazer um pacto com o Senhor: Cada dia oferecer, pelo menos, uma revista ou um livro a alguém! O prezado leitor já imaginou, se todos nós fizéssemos isso, quantas pessoas alcançaríamos durante 2014? Se todos, adultos e crianças, estivessem envolvidos neste grande projeto?

Prezado leitor, os habitantes do nosso país aguardam pela sua visita aos seus lares. No trabalho ou na escola, os seus colegas esperam algo de si, os seus familiares e vizinhos esperam ouvir o som da sua voz à porta do seu coração. Acredito que o seu testemunho pessoal, associado ao poder da literatura, levará palavras de esperança, paz e salvação. Por favor, pense nisso. O Senhor está a chamá-lo a realizar um compromisso com Ele e a VIVER + a missão em 2104. ✎



Artur Guimarães
Departamental dos
Ministérios das Publicações

Se fosse fácil, estariam cá outros

JOAQUIM NOGUEIRA

Quando paramos um pouco para pensar nos milhões de seres humanos que nos rodeiam, sentimo-nos incapacitados para lhes fazer chegar a mensagem que conhecemos. Para além disso, muitas são as barreiras, os preconceitos, os limites que nos fazem pensar que estamos diante de uma tarefa impossível. Esta é realmente a “Missão Impossível” à qual somos chamados.

Recordo os tempos em que alguns de nós, pastores, tivemos o Doutor Jacques Doukhan como professor de Antigo Testamento. Ele respondia-nos, quando lhe afirmávamos que algo era difícil: “*Não é o caminho que é difícil. O difícil é que é o caminho.*”

Aqui poderia também colocar o conhecido lema dos fuzileiros navais portugueses: “*Se fosse fácil, estariam cá outros.*” Não, não é presunção. É confiança, é fidelidade ao nosso General Jesus Cristo, *Mikael*, com todo o significado que este nome hebraico contém.

Diz o apóstolo Paulo que “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios; e as coisas fracas do mundo para confun-

dir as fortes; escolheu as coisas ignóbeis do mundo, e as desprezadas, e as que não são, para reduzir a nada as que são, para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus” (I Coríntios 1:27-29). “Porque a loucura de Deus é mais sábia que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens” (I Coríntios 1:25). “Ora, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados” (I Coríntios 1:26).

A missão é a razão fundamental da existência da Igreja. Anulando a sua missão, aniquilamos a Igreja. Todo o corpo que só recebe e não dá transforma-se num corpo morto.

Um cheiro de morte para morte, um peso na sociedade. A Igreja não é um “Clube de Amigos”, se bem que sejamos todos amigos uns dos outros. Não é um “Ponto de Encontro” dos jovens, ainda que seja lá que frequentemente estes se vejam. A Igreja é uma Escola de Militância, de preparação, de louvor, de aquisição de valores para serem proclamados na sociedade, a fim de os colocarmos em prática nos nossos negócios, nas relações humanas, na família, no trabalho, na Universidade ou onde quer que nos encontremos.

A vida é ação e a ação conduz à vida. À semelhança do que acontece com o corpo humano, quando não agimos espiritualmente perdemos qualidades, potencialidades, enfraquecemos. Não devemos confundir ativismo com obediência ao apelo de Deus: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19). Ao falar em ação, não falo em grandes eventos, espasmódicos, cheios de “adrenalina espiritual”, efémeros. Esses atraem as pessoas como as borboletas são atraídas pela luz. No entanto, este interesse logo fenece,



é esquecido e a pessoa volta à inatividade. Falo, sim, de ação continuada – quem sabe, silenciosa, discreta, mas permanente –, ação efetiva, conseqüente, produtora de frutos para esta vida e para a eternidade. Provavelmente, esses gestos não fazem parte de relatórios ou de estatísticas impressionantes, muito bem trabalhadas, mas estão escritos nos livros do Céu.

No Apocalipse, profetizando sobre os nossos tempos, João, o apóstolo, vê três poderosos anjos, que se levantam para proclamar ao mundo as derradeiras advertências. Esses anjos somos nós. Perdão. Seremos nós?!

Gosto da expressão que Ellen White usa, no seu inglês: “The Saviour mingled with the men as one who desired their good”, Ellen White, *The Ministry of Healing*, p. 143:3. A tradução portuguesa diz “O Salvador misturava-se com os homens como alguém que lhes desejava o seu bem” (Ellen White, *Ciência do Bom Viver*, p. 143:3).

Frequentemente, surgem tendências que parecem ir no sentido contrário. Com a prudência de evitarmos ser demasiado influencia-

dos pelo que nos rodeia (e realmente hoje existem filosofias e práticas que se afastam cada vez mais dos nossos ideais), evitando o perigo de sermos absorvidos, arremetendo-nos naturalmente, instintivamente, dos que não possuem as ideias que preconizamos. Teremos medo? Estaremos inseguros? Contudo, esse não é o caminho que o Senhor nos indicou. “Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do mal”(João 17:15).

De modo a nos animarmos no cumprimento desta Missão Impossível, deixo um texto da pena de Ellen White que creio ser bem conhecido, o qual nos oferece uma antevisão animadora do trabalho que temos de levar a efeito e da surpreendente colaboração divina, tendo em vista ultrapassar a “impossibilidade” da missão. “Graças à Sua sabedoria, o Senhor põe os que estão à procura da verdade em contacto com os seus semelhantes que a conhecem. É plano do Céu que os que receberam a luz a comuniquem aos que estão em trevas” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, P. SerVir, p. 97).

Que surpreendente! De que mais precisamos? Diariamente, o Senhor,

por Sua iniciativa, coloca várias pessoas, que procuram sinceramente a verdade, em contacto connosco. O que faremos? Se realmente nos “misturarmos” com elas, se formos também ao seu encontro, se lhes prestarmos a devida atenção, se não negligenciarmos as oportunidades, se as ajudarmos nas suas dificuldades, “como alguém que lhes deseja o seu bem”, o que não acontecerá? Deve crescer dentro de cada um de nós essa ânsia, essa vontade, essa preocupação de ajudar os que nos rodeiam e de os levar a Cristo. Em resumo: devemos ser animados pelo amor às almas.

O Senhor continua a perguntar: “A quem enviarei, e quem irá por nós?”(Isaías 6:8). Estaremos dispostos a responder: “Envia-me a mim”, como o profeta?

Repito: “Se fosse fácil, estariam cá outros.” O Senhor transforma as coisas difíceis em fáceis. Tudo o mais dependerá da nossa atitude. ♣



Joaquim Nogueira
Serviço de Espírito de Profecia



Missão: orar!

A oração inesperada

PAULO SÉRGIO MACEDO

"**A**dmoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade; porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade" (I Timóteo 2:1-4).

Em 1999, após quatro anos de estudos e alguns meses de preparação, vi ser-me negada a possibilidade de aceder à carreira desejada. Os seis exames de acesso, com caráter sucessivo de exclusão, eram ao Sábado. Nesses dias, tive dois encontros com o Pastor da minha igreja. Um antes de pedir a alteração da data dos exames, no qual ele orou pela intervenção de Deus na situação; e um após me ver ser negada essa alteração, no qual ele orou por mim, pedindo o conforto e a direção de Deus para a minha vida. "Orar..." – pensei eu na altura – "não me parece suficiente". Não escondo que, então, saí do seu gabinete com um sentimento de desapontamento e insatisfação. Não percebi que o que

fizemos, por sua boa iniciativa, foi o mais importante. Hoje, mesmo havendo uma maior abertura das leis e procurando-se, pelos meios possíveis, fazer com que elas se cumpram, a necessidade de orar é maior do que nunca.

O tempo em que vivemos está marcado por sentimentos de revolta e de injustiça. Os direitos que se julgavam adquiridos esboroam-se e as perspectivas de melhoria ou, pelo menos, de manutenção do nível de vida, desaparecem, consequências de um mundo em crise. A primeira tendência é culpá-los, a "eles", "os que mandam", os que nos governam e têm o poder de tomar decisões. Para um Cristão Adventista do Sétimo Dia, os desafios e as preocu-

pações são acrescidos, pois, para além de todas as contingências anteriores, existem ainda as dificuldades e os obstáculos colocados à vontade e ao imperativo de consciência de dedicar o dia de Sábado ao descanso e ao culto religiosos, só ultrapassados pela fé e pela esperança na intervenção de Deus. E nem sempre é fácil aceitar com ânimo – quanto mais com serenidade – essas dificuldades e esses obstáculos, mesmo considerando o princípio enunciado por Paulo: "Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus" (Romanos 13:1). Pelo que a reação do crente se transforma num barómetro do próprio estado espiritual.

Ellen White avisa-nos sobre a tentação e os perigos de nos envolvermos, como Cristãos, numa linha polémica contra as autoridades. Escreveu ela: "Não é um procedimento sábio criticar continuamente os atos dos governantes. A nós, não nos compete atacar indivíduos nem instituições. Devemos exercer um grande cuidado para não sermos

tomados por oponentes das autoridades civis. É certo que a nossa luta é intensiva, mas as nossas armas devem ser as contidas num simples 'Assim diz o Senhor'. A nossa ocupação consiste em preparar um povo para estar de pé no grande dia de Deus. Não devemos desviar-nos para procedimentos que provoquem polémica, ou suscitem oposição nos que não são da nossa fé" (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, p. 45). Nem sempre é fácil aceitar decisões que trazem dificuldade e obstáculo e, em contraponto, existe também um dever de afirmação pela justiça; mas o modo como consideramos e nos dirigimos às autoridades é, em si mesmo, uma forma de testemunho.

Na Bíblia, o Senhor deixou-nos exemplos da importância da oração pela Sua intervenção ao longo da História. Quando Moisés, com Araão, anunciou ao povo a sua libertação, o povo acreditou e inclinou-se em adoração (Êxodo 4:31); quando Ester tomou consciência do papel determinante que teria na proteção do seu povo perante a ameaça do extermínio, pediu a Mardoqueu que exortasse à oração e ao jejum, preparando a sua reunião com o Rei (Ester 4:16); quando Pedro se encontrava preso, os irmãos reuniram-se e oraram em casa de Maria, mãe de João Marcos (Atos 12:5, 12). E nos três momentos a solução chegou por intervenção Divina.

O quadro de governação apresentado pelo livro de Apocalipse para os tempos do fim é ainda mais desafiador para a fé e para a esperança, ao revelar que, nesses dias, há uma ação direta do inimigo de Deus junto daqueles que têm a função de representar e servir as nações (Apocalipse 16:14). Mais uma vez, recorrendo às palavras de Paulo registadas no livro de Efésios, percebemos que não são os homens e as suas decisões que constituem a oposição ao crente,



mas sim "as hostes espirituais da maldade" (Efésios 6:12), pelo que, para além de todas as outras armas, a oração é fundamental para as enfrentar: "Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos" (Efésios 6:18).

É, pois, neste quadro, prezado irmão e prezada irmã, que gostaria que relese o texto bíblico que introduz esta pequena reflexão. Neste texto, Paulo está a aconselhar Timóteo a não desanimar, conservando a fé e a boa consciência, dizendo-lhe que foi a rejeição destas que fez alguns naufragarem espiritualmente (II Timóteo 1:18 e 19). É então que o exorta a promover, "antes de tudo" – ou seja, como prioridade – orações por todos os homens. Todos os homens, incluindo e destacando os que "estão em eminência", os que nos governam, os que mandam. Paulo não esconde – para lá da preocupação Cristã por todos os homens, sem distinção – o objetivo de implorar a Deus que sejam proporcionadas pelas autoridades aos Seus filhos as condições necessárias para a sua vida e para o cumprimento da sua Missão – "uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade". Os filhos de Deus, todos os que com eles convivem e as autoridades são candidatos à salvação, pela graça e pelos méritos de Jesus, assim conheçam e reconheçam a verdade. Ignorar

este apelo à oração pelas decisões das autoridades não nos responsabiliza por elas, mas responsabiliza-nos por não pedir a ação positiva de Deus sobre elas, e, por consequência, pelo Seu povo.

Face à incerteza, à angústia e ao sofrimento que atravessa o mundo e o tempo em que vivemos, o ser humano tem a tendência de depositar a impotência, a frustração e a revolta sobre o seu semelhante. Mas o verdadeiro inimigo não é o outro, o ser humano, também criatura de Deus. Esse, como cada um de nós, é um candidato ao Reino. E contra o verdadeiro inimigo, só a ação de Deus prevalece, estando a aguardar ansiosamente pela nossa demonstração de confiança n'Ele, através da oração. Afinal, este é, ainda, um tempo de oportunidade, para nós e para todos. "Mas, enquanto Jesus permanece como intercessor do homem no santuário celestial, a influência refreadora do Espírito Santo é sentida pelos governantes e pelo povo. Essa influência governa, ainda, até certo ponto, as leis... Se não fossem estas, a condição do mundo seria muito pior do que agora é" (Ellen White, *O Grande Conflito*, P. SerVir, p. 508).

Um dia, uma menina, injustamente presa e feita serva, compreendeu e aceitou a oportunidade de ser uma bênção para a autoridade da sua casa, revelando-lhe a cura pela fé (II Reis 5:3). A mesma responsabilidade recai sobre o Cristão: olhar para as autoridades com respeito, ser uma bênção para toda a comunidade e pedir a direção Divina para que as decisões, sejam elas quais forem, contribuam para o bem daqueles que amam a Deus (Romanos 8:28). ✎



Paulo Sérgio Macedo
Departamento de Liberdade
Religiosa e Assuntos Públicos

A história de Maria

Há dois mil anos vivia uma jovem rapariga judia. Pouco sabemos sobre ela. Mas não podemos ser censurados por isso, pois pouco ficou registado para que o pudéssemos saber. Dos quatro Evangelhos que relatam a vida de Jesus, apenas o Evangelho de Mateus e o Evangelho de Lucas nos informam sobre o Seu nascimento. O resto do Novo Testamento raramente o menciona, embora Marcos faça notar que o povo de Nazaré chamava a Jesus “o filho de Maria” (Marcos 6:3) – provavelmente chamavam-n’O assim para O insultarem, ao fazerem notar a questionável identidade do Seu pai.

E, assim, a figura de Maria desvanece-se no pano de fundo da bem conhecida história natalícia: uma mulher comum de belas feições que se curva sobre a manjedoura no presépio, adorando o Bebê que é dela e que, no entanto, não o é.

Jovem e inocente

Maria foi, provavelmente, mãe muito jovem. No seu tempo, as raparigas casavam-se no início da adolescência. Ela era certamente analfabeta; não era permitido às raparigas frequentarem a escola. Assim sendo, qualquer que fosse a formação que ela tivesse, esta estava limitada às tarefas que ela precisaria de conhecer para criar uma família. E o que quer que fosse que ela conhecesse

das Escrituras, ela teria aprendido com os seus pais e por frequentar os serviços de culto da Sinagoga.

Ela entra na história como “uma virgem, desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de David” (Lucas 1:27). Como uma moderna noiva real inglesa, ela parece ter sido escolhida não tanto pelo que ela traria à sua função, mas pelo que ela não trouxe. Nada no seu passado maculava a história. Ela era apenas jovem e inocente.

O anjo Gabriel apareceu a Maria. Ela estava assustada, embora as primeiras palavras do anjo a assegurassem de que ela era “agraciada” e de que o Senhor era com ela.

O que Gabriel lhe disse em seguida foi certamente perturbador: ela iria conceber o Filho de Deus. É um vislumbre pungente da sua simplicidade que ela tenha ficado estupefacta diante do problema prático: “Como se fará isto, visto que não conheço varão?” (Lucas 1:34). Quando o anjo revelou os milagres que estavam prestes a ocorrer, Maria aceitou a vontade de Deus de modo exemplar: “Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lucas 1:38).

Na nossa extrema familiaridade com a história do Natal, nós presumimos que os personagens estão confiantes no seu destino ordenado por Deus. O facto de se falar com um anjo não faria qualquer questão desapare-

cer? Mas, nesta história há indícios de que as ações de Deus são complexas de mais para os seres humanos as compreenderem de uma vez só. Ao longo de todo este milagre, Maria tem de renovar repetidamente a sua confiança em Deus. A memória da visita de um anjo não remove os seus problemas.

O lado escuro

A pergunta de Maria ao anjo acerca da concepção de Jesus tem um lado muito escuro. A Bíblia não nos diz se ela teve a coragem de ser ela mesma a contar a José acerca da sua gravidez. O texto sagrado diz apenas que “achou-se ter [ela] concebido” (Mateus 1:18).

Mas, quando José descobriu a gravidez, ele retirou precipitadamente a única conclusão aparentemente possível: Maria tinha dormido com outro homem. Na verdade, é um sinal da bondade de José o facto de ele ter decidido “deixá-la secretamente” (Mateus 1:19).

O noivado judeu dessa época era um contrato legal anulável apenas pelo mesmo processo que dissolvia um casamento. O facto de José optar por um procedimento legal discreto não era simplesmente destinado a evitar envergonhar Maria. Ele poupou a vida dela. Pois José tinha o direito legal de tomar uma ação mais drástica – ele podia fazer com que ela fosse julgada publicamente e apedrejada até à morte (veja Deuterónimo 22:23 e 24).

Maria deve ter sofrido bastante enquanto o seu destino estava a ser decidido. Ela continuou a sofrer mesmo depois disso, pois embora já não tivesse que enfrentar uma execução, ela teria que continuar a suportar durante o resto da sua vida o estigma de uma gravidez ilegítima. Embora Deus lhe tivesse revelado o significado celestial da sua experiên-

cia, Maria teria de viver em circunstâncias muito pouco celestiais.

Maria experimentou num grau extremo aquilo que todos nós experimentamos. Mesmo quando temos as promessas de Deus – como todo o crente tem – o nosso percurso de vida permanece escondido. As voltas e reviravoltas da vida frequentemente fazem-nos perguntar se, de facto, Deus está no controlo. Ele age na nossa vida, mas Ele é um Deus surpreendente. Talvez se tivéssemos todas as respostas que queremos nos esquecêssemos de depender d'Ele. Maria tinha apenas algumas das respostas, pelo que podemos apenas imaginar quantas lágrimas ela chorou e quantas orações ela orou, enquanto esperava que o plano misterioso de Deus se realizasse.

Foi necessária uma outra visita do anjo, desta vez a José, para pôr tudo em ordem. José iria honrar o noivado deles. Mas a gravidez não seria pacífica. Já perto do seu termo, Maria foi forçada a viajar com José para Belém, o seu lar ancestral, devido ao capricho de César Augusto, que tinha ordenado a realização de um censo em todo o vasto império romano. E assim eles partiram para uma viagem de 120 quilómetros.

Os pintores usualmente retratam Maria montada num burro conduzido por José. Mas a Bíblia nada nos diz sobre como eles fizeram a viagem. Nós sabemos que apenas as pessoas ricas tinham burros, e José e Maria não eram ricos. É possível que eles tenham feito toda a viagem a pé. Podemos presumir que, fosse qual fosse o seu modo de transporte, a viagem levou vários dias – dias horrivelmente desconfortáveis para a grávida Maria. E para completar o horror, quando finalmente chegaram a Belém, não havia alojamento para eles. Tiveram que dormir no estábulo com os animais do estalajadeiro.



Foi ali, no mais humilde dos cenários, que Cristo nasceu. Não retrate na sua mente a cena tal como ela é retratada no seu delicado presépio de porcelana italiana pintada à mão. Aquele lugar era escuro, mal-cheiroso e miserável. Cada detalhe desta história proclama que temos aqui o oposto do poder. Uma mulher jovem e desconhecida, numa época em que ser mulher significava ser propriedade de um homem. Um pobre casal judeu, quando os Judeus eram um povo pequeno e derrotado. Um homem casado com uma mulher sobre a qual se dizia que teria ficado grávida de um desconhecido antes da sua união – e poucos eram aqueles que conheciam ou admitiam a causa sobrenatural dessa gravidez. O nascimento de um bebé humano num lugar onde animais davam à luz.

Sinais de humanidade

No entanto, apesar de todos estes indícios, nós com facilidade falhamos em compreender o que o nosso coração precisa de saber. Nós olhamos para uma história plena de sinais de humanidade – e insistimos em ver apenas os sinais da Divindade. Considere-se bem o amor de Deus, dizemos nós, que vai ao ponto de Ele aparecer rodeado da sujidade de animais de estábulo.

Mas o filho de Maria oferece-nos muito mais. Considere-se bem o amor de Deus, que vai ao ponto de Ele Se tornar num pequenino bebé humano!

Como é isto possível? Como pode o poder do Céu ser contido num bebé? Pode alguém explicar-nos isto? Apenas Maria. Maria pode explicar-nos isto. Maria é a única pessoa na história que soube que este dom divino era uma criança humana real, que chorava e mamava. Os olhos de Maria são o único par de olhos através dos quais podemos ver que Deus tinha dotado o Seu Filho com tudo do que Ele precisava para compreender, para sempre e eternamente, o que significa ser humano.

A humanidade de Jesus é tão difícil de aceitar que alguns Cristãos fa-

lham em ver a humanidade plena de Maria e veem-na como sendo quase divina. Outros Cristãos, reagindo defensivamente, ignoram-na. Eles veem qualquer tentativa de exaltação de Maria como uma diminuição da singularidade de Cristo.

Em ambos os casos, que perda! Sem Maria estar completamente no quadro, não podemos conhecer o verdadeiro Jesus. A humanidade de Maria é tão importante para a história do Natal como o é a divindade de Deus. Sem Maria, temos apenas meia salvação. Desde essa época até ao nosso tempo, as pessoas têm-se debatido para compreender o facto de Cristo ser tanto divino como humano. Podemos atingir com a nossa mente uma ou outra natureza – mas as duas, ao mesmo tempo? Não é verdade que até mesmo o mais pequeno conhecimento superficial do poder divino produz um ser inteiramente sobrenatural?

No entanto, o filho de Maria era um bebé humano real: pequeno e vulnerável. É isto ofensivo? Então nós falhamos em compreender a ofensa da Cruz (veja Gálatas 5:18). Jesus abdicou do poder da Divindade. É isso inaceitável? Então nós falhamos em perceber o poder que Ele escolheu – o poder da fraqueza.

Um Deus que compreende

Muito do pacote exterior com que apresentamos o Cristianismo enfatiza o Deus onipotente. Nós construímos igrejas magníficas e lançamos vastos projetos missionários. Organizamo-nos em denominações gigantescas, com orçamentos na casa das centenas de milhões de euros. Nos nossos púlpitos poderosos ministros do Evangelho pregam a vitória, a saúde e a riqueza.

Mas este poder não é suficientemente poderoso. Não é tudo o que o nosso coração precisa de conhecer. O que acontece quando o coração se parte? Quando ficamos doentes? Quando falhamos? Cristo escolheu a fraqueza da Cruz. E porque Ele assim

escolheu, nós temos um Deus que compreende as nossas fraquezas.

Nós conhecemos poucos triunfos. Nós temos doces bênçãos, mas elas são como rosas entre os espinhos. Na Sua vida terrestre, Jesus também teve poucos triunfos. Ele foi ridicularizado, desprezado, crucificado – ele era um homem de dores e conhecedor do desgosto. E Ele ainda o é. Em Cristo, Deus está connosco nas nossas fraquezas e nas nossas limitações. É por isso que devemos amar Maria: esta rapariga jovem, fraca, humana deu a humanidade ao Salvador do mundo, de modo a que Ele pudesse compreender-nos.

Há dois mil anos vivia uma jovem rapariga judia. Ela deu à luz e depois desapareceu, em grande medida, após o primeiro Natal. Sabemos que ela viveu o suficiente para ver o seu Filho morrer. Tal como aconteceu com os discípulos de Jesus, ela deve ter sofrido bastante quando a vida d'Ele terminou em aparente fracasso. Para Maria, e para todos os que tinham conhecido Jesus, o significado pleno do que acontecera era difícil de apreender quando a vida prosseguiu segundo o modo habitual.

No entanto, tudo tinha mudado. Jesus tinha vindo.

Lucas diz-nos que, de tempos a tempos, quando Maria tinha vislumbres especiais da divindade de Jesus, ela entesourava-os, “conferindo-os no seu coração” (Lucas 2:19, 51). É isto a história do Natal para nós: um vislumbre da Divindade revestida de Humanidade, que podemos entesourar e conferir no nosso coração. Esta história apela ao nosso coração quando as luzes festivas lançam o seu brilho e a vida está cheia de boas coisas.

Mas, mais importante, ela apela ao nosso coração quando a vida está cheia de dor e de desapontamento. Em tempos como esses, o nosso coração pode saber que o Filho de Maria é o Deus que está connosco.

Conhece o seu coração esta história? 

• **Carmen Seibold**

A batalha de Belém

**"Ó pequena cidade
de Belém, quão serena
te vemos repousar...
As esperanças e os
medos de todos os
anos se encontram
em ti esta noite."**

Quando Phillips Brooks escreveu estas estrofes em 1868, ele admitiu que o nascimento de Jesus em Belém fazia parte da grande batalha entre Satanás e Deus. As esperanças e os medos que se encontraram em Belém naquela noite santa dizem-nos que o Natal não se reduz ao nascimento de um bebé numa manjedoura – ele insere-se numa batalha de proporções cósmicas.

Aquela antiga batalha de Belém foca a nossa atenção imediata na cidade de David, mas se olharmos para além da superfície das palavras inspiradas de Mateus e Lucas, vemos que o conflito está diretamente ligado a todas as cidades e comunidades do mundo.

Todos os anos somos recordados de que este grande conflito entre a esperança e o medo decorre com extrema intensidade no coração e no lar das pessoas, onde quer que estas se encontrem. Durante estes dias, mais do que em qualquer outra ocasião, as pessoas decidem que já enfrentaram lutas suficientes na sua vida e vão-se abaixo ou desistem, sentindo-se derrotadas. Algumas terminam a sua vida de modo trágico, recusando continuar a ser anestesiadas por uma alegria, uma paz e uma emoção fabricadas comercialmente.



Os Cristãos também encontram maneiras de disfarçar o seu desespero e anestesiar a sua dor. A maior parte de nós age de modo desmesurado durante esta época para mascarar ou esconder a verdade sobre o conflito entre as esperanças e os medos que deflagra descontroladamente no nosso coração. Talvez preferíssemos lutar com a carne e o sangue do que submeter-nos ao domínio do Herói desta controvérsia cósmica.

Imagens de esperança e medo são apresentadas na história do nascimento de Jesus.

Primeiro, foi ordenado às pessoas, pelo decreto romano, que fossem a Belém para serem registadas. Isto eram boas notícias para os camponeses, normalmente ignorados. Não há palavras ou ações que possam quebrar mais o espírito humano do que aquelas que o ignoram ou que lhe dizem que “tu não contas para nada”.

As esperanças de Maria e José iam das grandes expectativas até aos pequenos maravilhamentos acerca do antecipado advento da Criança, descrito pelo anjo como sendo o Filho de Deus. Os seus receios eram tão palpáveis que o anjo teve que ordenar-lhes repetidamente que não tivessem medo. Maria temia que a sua vida, já virada do avesso ao ter sido

ela escolhida, nunca mais voltasse a ser normal por causa da Criança que crescia e se mexia no seu ventre. Ela teria que fazer face à bênção pelo papel miraculoso da Criança ou à censura e humilhação por causa do mistério do Seu nascimento.

Os pastores eram marginais sociais e religiosos: Homens vulgares, sujos e mal-cheirosos, aparentemente isolados dos homens e de Deus devido à sua profissão. Eles eram considerados impuros e inaptos para participar nas cerimónias do Templo. Eles lembram-nos os pecadores separados de Deus e necessitando desesperadamente da salvação. Eles não tinham valor na Terra, mas alguns acarinavam, sem dúvida, a esperança de que fossem considerados dignos no Céu.

A visita dos magos representa a vinda dos forasteiros e dos estrangeiros que buscam Jesus. Seguindo uma estrela do Oriente, eles acreditavam que ela anunciava a chegada do Messias. O seu desejo de O verem motivou-os a viajar durante meses para realizarem as suas esperanças de adorarem o Rei dos reis. Mas a sua esperança transformou-se em medo quando eles perderam de vista a estrela e foram parar às mãos de Herodes.

A paranoia do rei Herodes não pode ser ignorada. Ele esperava con-

servar firmemente a segurança do seu poder e da sua posição fosse de que modo fosse, incluindo o assassinato da sua mulher e de três dos seus filhos. Quando os magos chegaram a Jerusalém, Herodes temeu ser depositado, ultrapassado, substituído! Assim, ele decidiu arrancar a ameaça quando esta ainda era um rebento, assassinando o Messias. As suas ações demonstravam que ele estava a ser manipulado como um títere pelo poder de Satanás na batalha de Belém.

O povo de Belém – na verdade, toda a raça humana – precisava desesperadamente de um herói. Mas Ele veio sob a forma de um bebé!

Em que estaria Deus a pensar quando enviou um bebé indefeso para a batalha de Belém? O bebé trouxe paz à Terra e boa vontade para com aqueles que Lhe agradavam. Ele pôs em operação um cessar-fogo, não apenas entre as nossas esperanças e os nossos medos, mas entre a Divindade e a Humanidade.

É por isso que o Seu nome ainda é Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte e Príncipe da Paz! ✠

• **Hyveth Williams**

*Professora de Homilética
na Universidade de Andrews*



Noite feliz, Noite de paz

Na noite de 24 para 25 de dezembro comemora-se, tradicionalmente, o nascimento de Jesus Cristo. Esta comemoração é um tempo de alegria e de regozijo vivido em família. Do mais pobre ao mais abastado lar de Portugal, todos os Portugueses vivem esta festa familiar. Trocam-se prendas entre os familiares, sendo este o momento mais aguardado pelas crianças. O Natal é a festa da alegria e o período natalício é, sem dúvida, a época mais feliz do ano.

No entanto, no meio de toda esta felicidade, perde-se muitas vezes de vista o verdadeiro significado do Natal. Na nossa sociedade descristianizada, que promove o consumo pelo consumo, para muitas pessoas o Natal resume-se às iguarias da Consoada, às prendas trocadas, ao convívio familiar. A verdadeira razão de ser da quadra natalícia é completamente esquecida. De facto, poucos são os que comemoram o Natal tendo em mente o seu significado: Celebrar o nascimento de Jesus, o Salvador do mundo.

Na verdade, o Natal deve ser uma época de regozijo e de alegria porque celebra a vinda ao mundo de Jesus Cristo. O nascimento de Jesus é algo especial porque o próprio Jesus é Alguém especial. Os antigos profetas de Israel tinham anunciado nas suas profecias a vinda do Messias, o Salvador da Humanidade. Eles disse-

ram qual seria a linhagem familiar a que Ele pertenceria, indicaram o Seu lugar de nascimento, fizeram referência ao modo peculiar da Sua concepção e deixaram claro que Ele teria uma natureza sobre-humana.

Os profetas Isaías e Jeremias profetizaram que o Messias vindouro seria da linhagem real de Judá, pois seria descendente do rei David (Isaías 11:1 e 2; Jeremias 23:5 e 6). Jesus cumpriu esta profecia, pois as Suas genealogias mostram que Ele era descendente de David tanto pelo lado de José, o Seu pai adotivo, como pelo lado de Maria, a Sua virgem mãe (Mateus 1:1-17; Lucas 3:23-38). O profeta Miqueias veio indicar o lugar de nascimento do Messias. Ele deveria nascer em Belém Efrata, aldeia em que tinha nascido o rei David (Miqueias 5:2-4). Jesus também cumpriu esta profecia, pois, apesar de os Seus pais residirem em Nazaré da Galileia, devido a uma contingência histórica eles foram obrigados a deslocar-se a Belém Efrata, tendo Jesus nascido nessa ocasião (Lucas 2:1-8; Mateus 2:1 e 2). O profeta Isaías também profetizou acerca do modo peculiar da concepção do Messias. Segundo ele, o Salvador nasceria de uma virgem, sendo concebido sem intervenção humana (Isaías 7:14). Jesus cumpriu também esta profecia, pois os Evangelhos dizem-nos que Ele foi concebido no seio de Maria, uma virgem, por intervenção

direta do Espírito Santo (Mateus 1:18-23; Lucas 1:30-35). Finalmente, o profeta Isaías deixou claro que o Messias que nasceria em Belém tinha uma natureza divina. Por isso ele escreveu: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, *Deus forte*, *Pai da eternidade*, Príncipe da paz” (Isaías 9:6). Nesta profecia, Isaías afirma claramente que o menino que nasceria para ser o Messias seria chamado “Deus forte” e “Pai da eternidade”. Ele indicou assim a natureza divina do Salvador vindouro. Cumpriu Jesus esta profecia? De facto, Cristo reclamou para Si, mais do que uma vez, uma condição divina. Referindo-Se a Deus, Ele afirmou: “Eu e o Pai somos um” e “Quem Me vê a Mim, vê o Pai” (João 10:30; 14:9). Portanto, Jesus tinha consciência de ser mais do que um mero ser humano. Ele era Deus feito carne.

Assim, caro leitor, quando chegar a noite de 24 de dezembro, lembre-se de que ela é uma noite feliz, uma noite de paz, apenas porque nela nasceu o Salvador do mundo. Viva nessa noite o verdadeiro significado do Natal, lembrando-se do nascimento de Emanuel, “Deus conosco”. Conte aos seus filhos ou netos a história do nascimento do menino Jesus. Comemore com a sua família a vinda ao mundo do Salvador. Pois, por tudo o que fez por nós, Ele merece-o! ✨

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

Mensagens Especiais de **Reavivamento**



3-13 DE
JANEIRO
DE 2014

**Leia a
mensagem...**

**assista e reflita
com o autor**

DIARIAMENTE
A PARTIR
DAS 20H.

TV Adventista
viver e partilhar a experiência



www.tvadventista.pt